

O DESENHO E A CONSCIÊNCIA DO EU: UMA EVOLUÇÃO DE GRAFISMO

Autora: Esp. Patrícia Cilene Viegas Pereira Silva.

Secretaria Municipal de Educação de Natal/RN

patriciacvps@gmail.com

Orientadora: Dr.^a Gilvânia Maurício Dias de Pontes.

Universidade Federal Rio Grande do Norte

gilvaniapontes@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Este artigo trata da importância de conceber o desenho para o desenvolvimento da consciência do eu, em crianças pequenas, na Educação Infantil. Pesquisa está realizada com crianças de 2 anos e 11 meses a 3 anos e 11 meses que corresponde ao período de creche, crianças de zero a três anos de idade, de modo que passamos a oportunizar o desenvolvimento do pensamento da criança, contribuindo com práticas pedagógicas que utilize o desenho do final de semana da criança, como meio sinalizador do desenvolvimento do pensamento, pelo fato de ser a primeira representação gráfica infantil.

Mediante um contexto em que as crianças ainda não tinham oralidade compreensiva e suas respostas limitavam-se a palavra expressa Eu, nos trouxe a inquietude de saber o porquê da não superação do período Sensório-motor, pois para Piaget e Inhelder (2012, p. 11), “*Pode-se chamar-lhe período sensório-motor porque, à falta de função simbólica, o bebê ainda não apresenta pensamento, nem afetividade ligada a representações que permitam evocar pessoas ou objetos nas ausências deles*”.

Desta feita, o desenvolvimento do pensamento perpassa por quatro estágios, de acordo com a teoria de Piaget, e o primeiro é o sensório-motor, é marcada pela inteligência prática, ausência de pensamento e linguagem, por isso nossa investigação parte da preocupação em desenvolver através do desenho as habilidades e potencialidades do pensamento e da linguagem na consciência do eu, tendo em vista que é a forma de representar a imagem mental do objeto de conhecimento, que neste caso é o “Eu”, que é de grande importância para a construção da identidade da criança.

O desenho é uma forma de função semiótica que se inscreve a meio caminho entre o jogo simbólico, cujo o mesmo prazer funcional e cuja mesma autotelia apresenta, e a imagem mental, com a qual partilha o esforço da imitação do real, sendo assim a prática da representação do final de semana da criança pequena proporciona um salto de desenvolvimento do pensamento organizado, onde se estabelece lógica mental e oral. PIAGET E INHELDER (2012, p. 61).

No entanto, a ausência da função simbólica, não permite a criança representar símbolos devido à falta de atribuição de significado e signos, desta feita sem pensamento e sem elaboração da imagem de si mesma, certamente a consciência do eu é inexistente, sendo esse Eu, a consciência que a criança tem de si, neste meio social que lhe cerca, e sendo o desenho o modo de simbolizar o pensamento da sua própria imagem quanto sujeito, que segundo a teoria de Piaget, mostra que a representação significa a evocação de imagens mentais, então de fato a criança que não conseguiu representar sua imagem no contexto do final de semana, certamente não estabelece uma organização de pensamento e não compreende a linguagem social estabelecida.

O estudo foi realizado numa instituição de ensino municipal de Natal, capital do Estado do RN, na região nordeste do Brasil, no Centro Municipal de Educação Infantil Professor José Carlos Bezerra de Jesus Filho, localizado na Zona Norte da capital, experiência vivenciada numa turma de 22 (vinte e dois) alunos de Nível II, com faixa etária de 2 anos e 11 meses a 3 anos e 11 meses, sendo este o primeiro contato escolar das crianças. Percebemos que além da brincadeira que proporciona as relações de interações, que por sua vez trabalha a linguagem, seu imaginário e suas percepções, o desenho propicia além disso, a representação do pensamento e a organização das ideias que favorecem a consciência do eu, que segundo Piaget a imagem mental é representada a partir do surgimento da função simbólica, sendo assim o desenho é a representação do pensamento, que o aluno mostrará através da construção do desenho do seu final de semana, a imagem mental que tem sobre si, no meio em que está inserido, proporcionando assim a percepção que tem de si.

Luquet apud Pillar (2011, p.61) *“mostra que o desenho da criança até 8-9 anos é essencialmente realista na intenção, mas que o sujeito começa desenhando o que sabe de um personagem ou de um objeto, muito antes de exprimir graficamente o que nele vê”*, podemos então afirmar que no período das garatujas, fase dos rabiscos em que a criança não tem intenções formada acerca do seu desenho, o pensamento ainda é ausente, e na falta dele a consciência do eu se mostra também ausente, quando a criança mesmo em uma roda de conversa relata seu final de semana conforme outros falaram e no momento de representa-lo faz simples rabiscos e não conseguiu em outro momento interpretar seu desenho.

Construir na criança, a consciência do eu, é permitir que a mesma se torne protagonista e construtora de sua própria história. É perceber *“que se transforma no “viver o desenho como prática autoral” são as mudanças físicas e cognitivas do crescimento da criança e a experiência do desenhista, que se articulam nesse processo até a idade adulta, quando as estruturas do pensamento alcançam a inteligência formal.* ” IAVELBERG (2013, p.18)

É o desenho, na evolução do grafismo infantil que estabelece relação no desenvolvimento do pensamento promovendo a consciência do eu, através do desenho do final de semana da criança, pelo fato de estabelecer relações de experiências vivenciais passadas, ou seja, atuais, mas ausente, ativando a memória e provocando articulações mentais que gradativamente se estruturará no processo gráfico da imagem de si mesmo.

Para Pillar (2012, p. 48) ... *A educação estética como educação dos sentidos, nos quais estão baseados a consciência, a inteligência e o raciocínio do sujeito. Desse modo, fica evidente a importância da percepção, ou seja, da sensação na aquisição de conhecimentos.* E para perceber a consciência do Eu, nas crianças, estabelecemos como parte de nossas atividades permanentes o desenho do final de semana, para que a criança começasse a evidenciar através da fala e do registro o conhecimento de si, expressando através do desenho a percepção que tem de si mesmo.

No decorrer do ano letivo de 2017, a evolução dos desenhos construídos pelas crianças do seu final de semana, resulta num crescimento mental, desenvolvendo a oralidade, a interação e socialização, pois a fala já está mais compreensiva e lógica, mostrando que conseguem separar o eu do outro e assim se concretiza a representação do pensamento através do grafismo, que mostra sem dúvida a obtenção da consciência do Eu, neste ambiente externo(social), já não é tão obscuro, pois conseguem representar seu corpo e falar sobre seu desenho, mostrando que a intenção inicial, que é a mesma interpretação no final, de acordo com a teoria de Luquet. E em seguida apontaremos a relação pensamento, linguagem e desenho, que proporciona a consciência do Eu e a evolução do grafismo, estabelecida no desenho do final de semana das

crianças, nos conhecimentos teóricos-metodológicos utilizados nesta pesquisa qualitativa que enaltece a prática pedagógica.

METODOLOGIA

Muitos questionamentos podem surgir acerca da ação pedagógica, principalmente quando usamos um método de pesquisa qualitativo que consiste numa análise reflexiva da prática, onde a utilização da coleta de dados está num processo de participação ativa e observação, mediante uma pesquisa bibliográfica, este estudo também compõe o repertório teórico-metodológico, que nos permite realizar a ação-reflexão-ação. De acordo com os pressupostos teóricos dos autores IAVELBERG (2013), PILLAR, apud LUQUET (2012) e PIAGET & INHELDER(2011) fundamentamos esse trabalho.

Neste trabalho adotaremos a abordagem de Luquet, sobre o desenho infantil, em que apresenta o desenho como imagem mental que auxilia simbolicamente completando a linguagem, sendo a reprodução do modelo interno que a criança possui do objeto. Pillar (2012, p.55), *acrescenta que Luquet, empregou a expressão “modelo interno” para designar uma realidade psíquica existente no espírito da criança, a qual da origem ao ato criador.* O termo “realismo” também utilizado pelo referido autor, provocou muitas inquietações, pois esse termo é utilizado devido à necessidade que o sujeito tem de se afirmar no meio, pois a criança usa o real como referência para o seu desenho, por isso o termo realista. No entanto, as fases do desenho diferem pela expressividade dada na intenção realista.

Nossa prática pedagógica está pautada no método sócio interacionista construtivista, por acreditarmos numa aprendizagem em que o protagonismo começa desde a inserção da criança ao mundo, pois o sujeito interagi com o outro para sua própria construção, enquanto ser social e pensante.

Idealizamos o instrumento a ser aplicado todas as segundas-feiras para que a criança pudesse repensar e representar seu final de semana, desenhando num espaço específico da folha de papel e também proporcionando a diferenciação entre o desenho e a escrita, na mesma folha, onde havia um outro espaço em que o aluno deveria escrever seu nome, sem ajuda do adulto e sem o crachá, pois esse era o momento de colocar o seu pensamento para um exercício imagético, onde cada um deveria pensar acerca do seu final de semana e do seu nome já explanado tudo na roda de conversa.

RESULTADOS

A evolução do grafismo infantil obtida na maioria das crianças, que tiveram durante o ano letivo boa frequência chegaram a construção da representação no estágio de realismo fortuito, passando do desenho involuntário, em que os rabiscos não têm significação, para o desenho voluntário, onde as intenções prévias acompanham a construção do desenho e tem significação representando a imagem mental antes pensada.

Neste momento podemos considerar que a criança entra no estágio pré-operatório que segundo Piaget, dar-se início a função semiótica em que o desenho surge representando gestos imitativos que não há intenção de representação de símbolos, mas com o passar das vivências e interações sociais favorecidas especialmente no ambiente escolar, possibilita a representação gráfica de sinais e símbolos intencionais e representativo da imagem mental da criança, possibilitando uma linguagem de evocação verbal de acontecimentos não atuais.

DISCUSSÃO

Nas segundas-feiras, em nossa rotina escolar, tínhamos uma sequência de atividade permanente, onde começávamos pela roda de conversa dialogando acerca do final de semana de cada criança e em seguida o registro e logo após voltamos a roda para socialização dos desenhos. O desenvolvimento dessa prática contribuiu para a construção da identidade e autonomia da criança, possibilitando a organização do pensamento e o conhecimento de si mesma.

A evolução do grafismo nessa fase pré-operatório, a criança passa por dois estágios do Realismo fortuito, nesta fase a criança passa pelo desenho involuntário e pelo desenho voluntário, as representações involuntárias, são os traços sem pretensão de construir imagem, devido não ter consciência de que as linhas podem representar objetos, momento que Piaget chama de garatujas. No desenho voluntário a criança inicia interpretando depois de criar o desenho, depois constrói a intenção prévia e mantém a interpretação, e assim consolida a consciência que pode representar através do desenho tudo que deseja.

Para Luquet a criança passa por estágios de desenvolvimento gráfico, que são:

- **Realismo fortuito**, nesta fase a criança passa pelo desenho involuntário e pelo desenho voluntário, as representações involuntárias, são os traços sem pretensão de construir imagem, devido não ter consciência de que as linhas podem representar objetos, momento que Piaget chama de garatujas; No desenho voluntário a criança inicia interpretando depois de criar o desenho, depois constrói a intenção prévia e mantém a interpretação, e assim consolida a consciência que pode representar através do desenho tudo que deseja.
- **Realismo falhado ou incapacidade sintética**, é a fase em que a criança está preocupada em diferenciar os objetos de acordo com a importância dada por ela em cada detalhe e inicia a representar graficamente o espaço, mas negligencia as relações entre o objeto e o todo, pela incapacidade do pensamento;
- **Realismo intelectual**, nesse estágio o desenho apresenta com diversas características como a representação por transparência, descontinuidade e plasticidade, pois a criança tem a necessidade de representar todos os aspectos constitutivos do desenho;
- **Realismo visual**, nessa fase a criança abandona os processos da representação anterior e passa a representar somente o que é visível nos objetos, projetando as posições reais das figuras.

Em todos os estágios vivenciados pela criança, é a intenção realista que diferencia cada uma dessas fases, pois ela busca construir representações através da noção que tem do objeto e o que percebe visualmente deles. *“O vínculo que a criança mantém entre o objeto e sua representação gráfica se modifica em função do seu entendimento do sistema do desenho e a da sua construção do real”*. PILLAR (2012, p.56)

O desenho estabelece um vínculo de relações entre as intenções de representação da imagem de si mesmo, na construção da consciência do eu, favorecida pela memória do relato do final de semana, que promove através das lembranças, emoções, afetividades, criatividade, imaginação, permitindo ainda a criança, inserir-se nessa imagem em construção desenvolvendo sua identidade e autonomia, num desenho de sua autoria.

CONCLUSÃO

Debruçar sobre teorias que retratam a importância do desenho e sua análise, nos permitiu concretizar o pensamento acerca das Artes Visuais, que possibilita o contato físico com a imagem, na construção e reconstrução do pensamento desenvolvendo na criança os aspectos cognitivos, mentais e físicos que consideramos nesta pesquisa como resultado a consciência do eu, pois permite a expressão e a relação do sujeito com as emoções, desejos, sentimentos e intenções, representadas no seu registro.

Constatamos que a aquisição da linguagem oral pela criança, precisa de práticas pedagógicas que possibilitem o desenvolvimento do pensamento, de modo que o sujeito possa desenvolver suas capacidades mentais superiores, promovendo a configuração de sua memória, para adquirir o pensamento verbal e a linguagem racional, e o desenho vem trazendo o registro desse grande salto no desenvolvimento infantil.

No entanto, a prática de desenhos na rotina escolar representando o final de semana do aluno, proporciona a consciência do Eu e a construção da lógica de pensamento, permitindo a criança estabelecer o raciocínio ordenado de suas ideias representado na evolução do seu grafismo. Além disso o desenho desenvolve capacidades mentais de raciocínio lógico na criança e também proporciona o desenvolvimento da coordenação motora infantil, noções de espacialidades, sentimentos de estabilidade e segurança, além de permitir interações, experimentação, criatividade, bem como a construção de novos conhecimentos.

Após realizarmos uma avaliação em torno do trabalho pedagógico desenvolvido com a turma no período final, observamos avanços relevantes na construção gráfica da imagem mental das crianças, que nos mostraram através do desenho uma evolução do grafismo e a consciência do eu em pleno desenvolvimento no estágio pré-operatório, em um crescente desenvolvimento linguístico e cognitivo.

Destacamos ainda, que os resultados apresentados são decorrentes de um trabalho sistemático que promoveu situações de aprendizagem e desenvolvimento mental, privilegiando o desenho como representação social de interação provinda de uma interação familiar, em que a criança passa a si vê nesse contexto como participante agindo e reagindo sobre o meio e recebendo reflexos transformadores para a construção de sua personalidade, sua identidade e autonomia.

REFERÊNCIAS

- IAVELBERG, Rosa. O desenho na educação infantil. - Coleção: Como eu ensino. - São Paulo. Melhoramentos. 2013.
- PIAGET, Jean & INHELDER, Bärbel. A psicologia da criança. Tradução Octavio Mendes Cajado. – 5ª edição – Rio de Janeiro. Difel, 2011.
- PILLAR, Analice Dutra. Desenho e escrita como sistema de representação. - 2ª edição rev. amp. – Porto Alegre : Penso, 2012.